

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



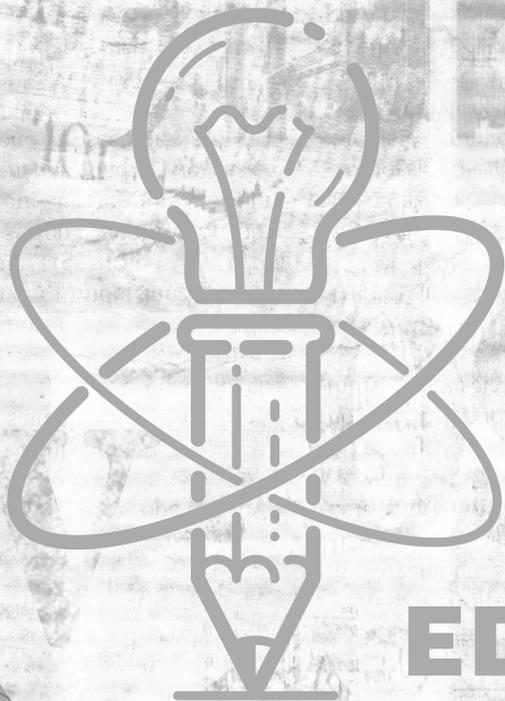
A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

 **Atena**
Editora
Ano 2023

4

Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

 **Atena**
Editora
Ano 2023

4

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

A educação enquanto fenômeno social: políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
E24	<p>A educação enquanto fenômeno social: políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4 / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0996-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.960231602</p> <p>1. Educação. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O cenário social atual, permeado por aceleradas alterações econômicas, políticas, sociais e culturais exige novas formas de compressão das relações de entre os indivíduos e desses com o conhecimento. Assim, os processos educativos auxiliam no desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades mentais indispensáveis para o convívio social. Nesse contexto, a obra: **A educação enquanto fenômeno social: Políticas educacionais e o saber e o fazer educativos 4**, fruto de esforços de pesquisadores de distintas regiões brasileiras e estrangeiras, reúne pesquisas que se debruçam no entendimento das perspectivas educacionais contemporâneas.

Composta por dezoito capítulos, a livro apresenta estudos teóricos e empíricos, que versam sobre os processos pesquisa, ensino e de aprendizagem sob a perspectiva de seus atores e papéis. Com efeito, apresenta cenários que expõem experiências que dialogam com distintas áreas do conhecimento, sem contudo, perder o rigor científico e aprofundamento necessário.

Por fim, destacamos a importância da Editora Atena e dos autores na divulgação científica e no compartilhamento dos saberes cientificamente produzidos, à medida, que podem gerar novos estudos e reflexões sobre a temática. Ademais, esperamos contar com novas contribuições para a ampliação do debate sobre a educação enquanto um fenômeno social.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

CAPÍTULO 1 1

APROXIMACIONES A LA COMPLEJIDAD SOCIAL DEL EMBARAZO ADOLESCENTE EN EL MUNICIPIO EL SALVADOR EN GUANTÁNAMO, CUBA

Karina Velázquez Pérez

Banaily Muñoz Padilla

Lilian Lorente Ocaña

Adilson Tadeu Basquerote

Eduardo Pimentel Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316021>

CAPÍTULO 2 18

A ESCOLA NA PRISÃO: UMA ANÁLISE PROFUNDA SOBRE AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DO CURRÍCULO ESCOLAR PARA O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DA FORMAÇÃO SOCIAL DOS SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE

Giovanna Vanessa do Nascimento Cornélio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316022>

CAPÍTULO 328

A INCLUSÃO DAS TDIC POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DE SMARTPHONE NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) – ENSINO FUNDAMENTAL

Carlos Felipe da Silva Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316023>

CAPÍTULO 4 41

ACESSIBILIDADE CURRICULAR: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS DE ALUNOS DO PROGRAMA TUTORIA

Guilherme da Silva Araújo

Alexsandro Ricardo M. R

Celma Rocha Silva

Lúcia C. Gomes dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316024>

CAPÍTULO 549

A CULTURA INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NO UNIVERSO INFANTIL

Marina Inês Jantsch Bergamaschi

Jurema de Fátima Knopf

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316025>

CAPÍTULO 664

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO BRASIL: CONCEPÇÕES, TENSÕES E RUPTURAS (1940-1980)

Leni Rodrigues Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316026>

CAPÍTULO 777

A EDUCAÇÃO “FÍSICA” NUNCA FOI SÓ “FÍSICA”

Ubiratan Silva Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316027>**CAPÍTULO 888**

A EXALTAÇÃO DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COMO FONTE DE AMPLIAÇÃO DE SABERES E DE REFORÇO POSITIVO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Fernando Schinimann

Maria Aurineide de Castro Costa

Sílvia Cristina de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316028>**CAPÍTULO 990**

A EXPANSÃO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DO PIAUÍ-IFPI: 110 ANOS DE HISTÓRIA

Maria Keila Jeronimo

Antonio Basílio N. Thomaz de Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9602316029>**CAPÍTULO 10.....99**

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE QUÍMICA NA MODALIDADE EaD: PERCEPÇÃO DOS LICENCIADOS DO NEaD/UFERSA

Antônio de Andrade Queiroz

Leonardo Alcântara Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160210>**CAPÍTULO 11112**

A INCLUSÃO E A ACESSIBILIDADE DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM ESCOLAS REGULARES

Cibele Mai

Leila Maria Goi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160211>**CAPÍTULO 12.....117**

A LEITURA DE MUNDO POR MEIO DA ARTE E GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

Iara Cíntia da Silva

Ozianne Pinheiro de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160212>**CAPÍTULO 13..... 126**

ALTERIDADE, ÉTICA E EDUCAÇÃO NO COTIDIANO DA PANDEMIA DA COVID-19: O PRESENTE QUE NOS INTERPELA

Cleusa Távora de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160213>

CAPÍTULO 14..... 138

AMBIENTALISMO E ECOFEMINISMO DE VANDANA SHIVA: CONCEITOS E LIMITES

Bruna Gabriela Bondioli Possebon
Roger Domenech Colacios

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160214>

CAPÍTULO 15..... 156

ANÁLISE DE CONCEITOS SOCIOAMBIENTAIS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SALVADOR- BAHIA

Isabelle Pedreira Déjardin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160215>

CAPÍTULO 16..... 170

A ORALIDADE DAS CRIANÇAS DE QUATRO ANOS DE IDADE E AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Elieusa de Sousa Silva Filgueiras

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160216>

CAPÍTULO 17..... 178

A ORGANIZAÇÃO DAS COLETIVIDADES PARA UMA GESTÃO DE SALA DE AULA

Giovani de Paula Batista
Angela Harmatiuk
Alexandre Rafael do Bomfim Almeida
Jamaira Jurich Pillati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160217>

CAPÍTULO 18..... 187

DIDÁTICA NA RESISTÊNCIA AO EPISTEMICÍDIO DAS DEZ COMPETÊNCIAS DA BNCC

João José do Nascimento Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.96023160218>

SOBRE O ORGANIZADOR 195

ÍNDICE REMISSIVO 196

A CULTURA INFANTIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NO UNIVERSO INFANTIL

Data de aceite: 01/02/2023

Marina Inês Jantsch Bergamaschi

Professora de Ensino Fundamental, acadêmica do curso de Pós-Graduação em Educação do IFC Abelardo Luz

Jurema de Fátima Knopf

Professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica - EBTT do Instituto Federal Campus Avançado de Abelardo Luz. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná – UFPR

RESUMO: A pesquisa discutiu a cultura infantil e percorreu os caminhos da infância a partir do seu contexto histórico. Sua temática está atrelada às problemáticas atuais do campo educacional. Teve como objetivo geral compreender os elementos que constituem a cultura infantil em sua historicidade e os aspectos sociais que influenciam nela atualmente, e, como objetivos específicos: retomar, historicamente, o conceito de criança e infância como construção social; identificar as mudanças sociais que influenciam na cultura infantil nos dias atuais e investigar a influência da exposição midiática na cultura infantil. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa realizada por meio da pesquisa

bibliográfica. Os principais autores estudados foram: Ariès (2014), Sarmento (2005), Klein (2012), Campos e Santos (2003) e Barbosa (2007) a fim de definir e aprofundar os principais conceitos como: criança, infância e cultura infantil. Após o estudo, entende-se que o conceito de criança e infância está diretamente ligado às classes sociais, econômicas, ao tempo e lugares que ocupam na sociedade. É preciso, então, compreendê-las como sujeitos, que interagem, têm suas reações frente aos adultos, participam do mundo social. A influência midiática as torna conhecedoras de todas as informações sem censura, transformando-as em crianças adultizadas, nas vestimentas, nos sonhos, nos compromissos e são produtoras de cultura, formulam suas hipóteses, interagem com o mundo e por isso, estão sujeitas, também, às influências na sua forma de interagir e ser.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Criança. Cultura infantil.

ABSTRACT: The research discussed children's culture and walked the paths of childhood from your historical context. It's theme is attached to the current issues of the educational field. As a general objective:

“To understand the child culture in their history and the social aspects that influence it in today. And as specific objects: to historically resist the concept of child and childhood as social construction; to identify social changes that influence children’s culture in the current days and investigate the influence of the media exposure in the children’s culture. It is a qualitative research carried out through the bibliographical research. The main authors studied are Ariès (2014) and Sarmiento (2006) Klein (2012), Campos e Santos (2003) e Barbosa (2007) in order to define and deepen the main concepts such as: child, childhood and child culture. After the study is understood that the concept child and childhood is directly connected to social, economic, classes, time and places that occupy in society. It is then necessary to understand them as subjects, who interact, have their reactions against the adults, participate in the social world. The media influence make them know of all information without censorship, turning them into adulterated children, in the clothing, in the dreams, we commit ourselves and are producing culture, formulate their hypotheses, interact with the world and therefore are also subject to influences in their way of interacting and being.

KEYWORDS: Childhood. Children. Child Culture.

1 | INTRODUÇÃO

Esse artigo fundamentou-se em estudos acerca da influência que a mídia exerce na cultura infantil. Para tal, foi fundamental compreender a infância a partir do seu contexto histórico. Diante das problemáticas que são enfrentadas nos dias atuais nas famílias, escolas e outros ambientes sociais, uma discussão mais profunda sobre o tema contribuirá para ampliar as questões oriundas da cultura infantil.

A temática atrelou-se aos desafios atuais do campo educacional, no qual a infância e suas especificidades têm ocupado e ampliado o campo de estudos na atualidade. Para abordá-la, a questão que orienta esse estudo busca compreender: como a mídia exerce influência na cultura infantil?

Para explorar a questão levantada o objetivo geral buscou compreender os elementos que constituem a cultura infantil e a influência que a mídia exerce sobre ela na atualidade. Para tanto, delimitou-se como objetivos específicos: retomar historicamente o conceito de criança e infância; identificar as mudanças sociais que influenciam na cultura infantil e investigar a influência da exposição midiática na cultura infantil.

Com os avanços tecnológicos e a entrada da mulher no mundo do trabalho, a estrutura familiar também mudou, sobretudo, ao que se refere ao cuidado dos filhos. A função de cuidar das crianças, em sua grande maioria, foi terceirizada às creches, avós, tios ou cuidadores, que, além dessa situação, o tempo para acompanhamento das crianças tornou-se mais restrito, e, assim, ficaram expostas a televisão, internet e outras formas midiáticas, que não possuem padrões de restrições efetivos ao público infantil.

Diante dessas questões, é importante compreender como o conceito de crianças e infância se constituiu historicamente, pois Ariès (2014) afirma que são construções sociais, frutos da modernidade. Na Idade Média, a criança, depois que saía dos “*cueros*” não se

diferenciava dos adultos e a infância não era vista como um tempo característico da vida desses sujeitos.

Aprofundar o tema “A cultura infantil”, para compreender sua constituição histórica, dialogando com as mudanças sociais atuais que influenciam e pautam uma nova relação com essa cultura, é fundamental para aproximar aspectos que influenciam a vida infantil e as relações que constituem entre si, na escola, na família e em outras relações sociais.

O tema abordado justifica-se pela compreensão sobre a temática e com isso, qualifique sua atuação profissional da pesquisadora como educadora infantil. Também se destaca a relevância do estudo no que se refere ao diálogo com outras pesquisas acadêmicas que discutem a infância como construção social a partir dos elementos que influenciam na sua cultura.

Optou-se pela pesquisa qualitativa, com a utilização do estudo bibliográfico, mediante a leitura de teses, livros e artigos, a fim de definir e aprofundar os principais conceitos que perpassam a pesquisa, tais como: criança, infância, cultura infantil. Os principais autores estudados foram: Ariès (2014), Sarmiento (2006), Klein (2012), Campos e Santos (2003) e Barbosa (2007).

O artigo está organizado em três partes. A primeira “A constituição social do conceito de criança e infância: uma breve abordagem histórica sobre a criança e a infância” faz uma abordagem histórica, a fim de explicitar a forma como se constituiu esses conceitos, que são fundamentais para a abordagem da cultura infantil nos dias atuais; já na segunda “A cultura infantil e as mudanças sociais que influenciam a infância na atualidade” definiu o conceito de cultura infantil; e, por fim, buscamos “Problematizar a exposição midiática das crianças e sua influência na cultura infantil”.

2 | A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO CONCEITO DE CRIANÇA E INFÂNCIA: UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA SOBRE A CRIANÇA E A INFÂNCIA

Aborda-se nessa pesquisa, o conceito de criança e infância como construção social desde uma breve retomada histórica de sua construção. Para tal, perpassa a abordagem clássica de Ariès (2014), que identifica o surgimento de um “sentimento de infância” para um tipo de criança, ainda no século XVI. Adentra-se a essa construção com uma outra abordagem, embasadas pelos estudos de Sarmiento (2005) e Klein (2012), que compreende a criança a partir das relações de trabalho e a forma que ela influencia na vida delas.

A infância nos meados do século XVII saiu do anonimato e começou a ser representada em obras de arte. Para Ariès (2014), um dos pioneiros no estudo das fontes históricas sobre o surgimento do sentimento de infância, nos faz perceber que para compreender a cultura infantil em seus aspectos históricos e sociais, é importante retomar o conceito de criança e infância como construção social, pois eles nem sempre existiram do mesmo modo.

Segundo Ariès (2014) a primeira percepção de infância da idade média era da criança nos seus primeiros anos de vida como “coisinha engraçadinha”, para as pessoas era como que se fosse brincar com “um animalzinho, um macaquinho impudico”. Se morresse por motivos distintos “a regra era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituíria”. A infância ainda era desconhecida, anônima à sociedade, e, vista como um adulto em miniatura.

O autor supracitado defende que o sentimento de infância nem sempre existiu da mesma forma. Nos primeiros documentos (datados em 1978) pesquisados em seu estudo, observa o que denominou de “paparicação”. Discute, ainda, que a infância era desconsiderada. O crescimento, a educação e a socialização eram insignificantes para a família. As crianças passavam automaticamente em pouco tempo para a vida adulta, sem passar pela fase da juventude. A socialização não era controlada pela família, a criança logo se afastava dela e aprendia fazer as tarefas convivendo com os adultos, ajudando nos seus afazeres (ARIÈS, 2014).

Nesse período, havia uma divisão de idades que correspondiam às etapas biológicas e afazeres sociais da vida: primeiro a idade dos brinquedos, segundo idade da escola; meninos aprendem a ler ou segurar um livro; as meninas aprendem a fiar; terceiro as idades do amor ou dos esportes de corte e da cavalaria, festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor; o quarto era as idades da guerra e da cavalaria; e, finalmente, as idades sedentárias dos homens da lei, da ciência ou do estudo.

A partir da pesquisa documental Ariès (2014) identifica que o sentimento sobre a criança e a infância começa a emergir, entre o século XII e XVII.

Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XIII ao XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristalização mais profunda dos costumes (ARIÈS, 2014, p. 25).

O autor atribui a essas mudanças a uma maior sensibilidade e valorização as características da criança. Algumas famílias começam então vacinar suas crianças, contra a varíola que favorecem outras práticas de higiene, reduzindo a mortalidade e fazendo um controle de natalidade. Nessa época também é marcada a diferença nos trajes das crianças, é deixado os cueiros, vestindo a criança como adultos, “os meninos deixavam calças curtas no fim do 2º ano colegial” Ariès (2014).

Mudanças surgem no fim do século XVI. Nessa época, é possível observar a preocupação com as leituras que são oferecidas as crianças, deixando aparecer a censura e uma preocupação mais atenta sobre a criança e a infância, que anteriormente, não existia.

Certos educadores, que iriam adquirir autoridade e impor definitivamente suas concepções e seus escrúpulos, passaram a não tolerar mais que se

desse às crianças livros duvidosos. Nasceu então a ideia de se fornecer às crianças edições expurgadas de clássicos. Essa foi uma etapa muito importante. É dessa época realmente que podemos datar o respeito pela infância. Essa preocupação surgiu na mesma época tanto entre católicos como entre protestantes, na França como na Inglaterra. Até então nunca se havia hesitado em deixar as crianças lerem Terêncio, como um clássico. Os jesuítas retiraram-no de seus currículos (ARIÈS, 2014, p. 83).

Se torna visível a preocupação seletiva dos adultos em relação ao aprendizado e o desenvolvimento das crianças, importando e valorizando a fragilidade que há na criança, tomando consciência das obrigações, assumindo a responsabilidade de cada categoria, protegendo os mais indefesos e vulneráveis as doenças, tormentos e pressões que afetavam as crianças diretamente.

Não devemos imaginar que toda vez que se fala da infância está-se falando de algo frágil; ao contrário, pretendo mostrar aqui que um estado que muitos julgam desprezível é perfeitamente ilustre. De fato, foi nessa época que se começou realmente a falar na fragilidade e na debilidade da infância. Antes, a infância era mais ignorada, considerada um período de transição rapidamente superado e sem importância (ARIÈS, 2014, p. 85).

Percebe-se que o cuidado com a criança e a caracterização da infância é vista como uma fase específica da vida e começam a ganhar notoriedade na sociedade. No século XVIII, as crianças já tinham seus próprios trajes, conforme a sua idade, os distinguindo dos adultos. No entanto, havia uma diferença entre as Classes Sociais.

As crianças no século XVII brincavam com os brinquedos habituais como cavalo de pau, o cata-vento ou o pião, algumas crianças tocavam violino e cantavam ao mesmo tempo. Com um ano e meio já era colocado um violino nas mãos das crianças, dançavam vários tipos de músicas naquela época (o violino não era instrumento nobre naquele período). Percebe-se a importância da música naquela época, os que se destacavam, seriam hoje chamadas crianças prodígio, como o pequeno Mozart. Mesmo com muitas oportunidades as crianças ouviam músicas tocadas pelos instrumentos nobres e também populares, bem como brincavam com seus brinquedos e aprendiam regras de etiqueta e de moralidade, mesmo antes de começarem a ler (ARIÈS, 2014).

Segundo o autor, as crianças muito pequenas já começam no mundo dos jogos como, por exemplo: “jogo de malha, praticavam o arco, jogavam cartas, xadrez (aos seis anos) e participavam nos jogos de adultos como o jogo de raquete e números, jogos de salão”. As brincadeiras e jogos mais comuns entre crianças, adolescentes e adultos eram: jogo de rima, bater palmas, adivinhar profissões, mímica. A criança abandonava a infância lá por sete anos, não deveria mais brincar com as bonecas e brinquedos infantis, começava a levar uma vida de adulto montar cavalo, a atirar e a caçar.

Esses elementos nos permitem evidenciar a forma que a organização da vida da sociedade da época moldava a cultura infantil, ou seja, a significação produzida pela época do universo infantil e de sua inserção na sociedade.

Há, ainda, autores como Castro (2007) e Klein (2012), que pesquisam esse período da constituição do conceito de criança e infância a partir de outras categorias¹, e divergem de Ariès (2014) quando afirmam que o referido autor não considera o conceito de classes sociais, deste modo, asseveram que a criança de Ariès (2014) não corresponde à totalidade das experiências de infância vividas pelas crianças daquela época.

O estudo de Ariès é muito importante por ser um autor clássico, porém, a pesquisa documental dele mostra como base uma historiografia da infância e criança como construção social. No entanto, seu estudo não contempla a infância em sua totalidade porque desconsidera o lugar e a classe social que ela ocupa. Para Klein (2012) aponta que o autor contribui com o levantamento de aspectos sociais para o conceito moderno de infância, que, segundo ela:

O surgimento de um sentimento amoroso pela criança; o interesse moral pela criança; a questão do advento da imprensa e a instituição de um universo de diálogo e informações impenetráveis para a criança não letrada; o papel do Estado, colocando a criança em um posto privilegiado ao assumir a responsabilidade pela sua educação; a afirmação da individualidade; a noção de uma criança virtuosa em oposição ao adulto deformado pelos vícios sociais (KLEIN, 2012, s/p).

Tais autores limitam-se a uma abordagem “culturalista” voltada ao estudo das “mentalidades”², que apreende o fenômeno em si, que, segundo Klein (2012), é a abordagem adotada por Ariès (2006), acerca da análise da vida e da criança burguesa, descolada das relações de produção. Para esta autora a criança de Ariès não é a mesma criança das fábricas, que tinham suas vidas sucumbidas pelo trabalho e muitas vezes os seus corpos decepados³. O avanço da industrialização no século XVI e XVII incorporou também o trabalho das mulheres, homens e crianças acima de seis anos. Neste contexto, como destaca Nosella (2002, p.133) “milhares de braços torna-se de subsídio necessários, procuravam-se principalmente dedos pequenos e ágeis”. Nessa mesma direção Klein (2012) traz como referência é a criança operária, esse sentimento é distinto. A criança para ajudar nas economias da casa, acaba indo às fábricas trabalhar, logo surge a preocupação tirando totalmente a liberdade que a cultura infantil deveria ter.

Nessa perspectiva, a organização do mundo do trabalho e a inserção da criança no trabalho fabril, fez com que a criança passasse a ser percebida pela legislação fabril, ao mesmo tempo que ficavam no trabalho nas fábricas, cuja vida e saúde das crianças e

1 Categorias orientadas pelos pressupostos e métodos do Materialismo Histórico Dialético.

2 Firma-se em uma direção já esboçada pela história cultural, deslocando mais ainda o foco das questões econômico-sociais para questões das *mentalités*. A metodologia do estudo que articula-se ao pressuposto culturalista, primava pela busca de dados em documentos particulares da família burguesa e não os registros públicos, que refletiria a dura realidade das famílias expulsas de suas terras perambulando pelas cidades como mendigos e das crianças que eram usadas para trabalhar na indústria como mão de obra barata.

3 Sobre essa discussão, ver o texto: KLEIN, Ligia Regina. **Cadê a Criança do Áries que Estava Aqui? A Fábrica Comeu...**In. IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL” Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5.

mulheres eram prejudicadas. Um grande número de crianças perdeu (e ainda perde) a vida nas fábricas e começa a ser cobrada escolarização das crianças pelas empresas Klein (2012).

É a partir da “legislação fabril” que as crianças começam a ficar nas escolas tornando-se uma necessidade de “ensino de generalidades às crianças da classe trabalhadora”.

A primeira legislação destinada a controlar a jornada de trabalho de adultos foi a Lei Fabril Inglesa de 7 de junho de 1844, que colocou sob proteção legal as mulheres maiores de 18 anos, as quais foram equiparadas aos adolescentes menores de 18 anos. O trabalho dos dois grupos foi reduzido a 12 horas, além de ser-lhes proibido o trabalho noturno. (KLEIN, 2012, p.3390).

Segundo Castro (2007) da revolução industrial nasceu “a criança operária, potencial vítima das transformações econômicas sociais e familiares impulsionadas pela referida revolução”, como mão de obra aproveitada na contribuição econômica familiar. A criança operária só é vista quando “movimentos filantrópicos” iniciam “campanhas de denúncia” contra o trabalho “sub-humano” que as crianças eram submetidas.

A visão sobre a infância, atualmente, está explícita no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.21), que vem afirmar que “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio”. Sendo assim, durante o processo de construção do conhecimento, “as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar”. Este conhecimento constituído pelas crianças “é fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação”.

Ainda, convém salientar:

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina, etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças (BRASIL, 1998, p.22).

A partir do momento em que se alcançou uma consciência sobre a importância das experiências da primeira infância, criou-se várias políticas e programas que visassem promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças, que, por sua vez, passaram a ocupar lugar de destaque na sociedade.

As discussões sobre a cultura infantil estão sendo retomadas por vários pesquisadores, tomando conhecimento das evoluções a partir da busca teórica, em conjunto aos artigos, teses e dissertações numa perspectiva a discutir o conceito de criança e infância.

[...] as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes

espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças (SARMENTO, 2005, p. 370).

Nessa mesma direção, Castro (2007, p.3) defende que para conceituar infância e criança é importante considerar as relações sociais em “que colaboram para a constituição de tais significados [...]”. Ainda, analisa e mostra a relevância da criança onde está “inserida, seus direitos e interferências”, posteriormente, vinculado às condições sociais, como um “ser vivente e biológico”.

Com a demanda da atualidade, pelos meios de comunicação, as crianças e os adultos “apreendem” o significado da infância. As definições de infância realmente dependem dos referenciais que são concebidos.

Faz-se necessário lembrar que as definições de infância podem tomar diferentes formas de acordo com os referenciais que tomamos para concebê-las. A palavra *infância* evoca um período da vida humana. No limite da significação, o período da palavra inarticulada, o período que poderíamos chamar da construção/apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e sinais destinados a *fazer-se ouvir*. O vocábulo *criança*, por sua vez, indica uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo. (CASTRO, 2007, p. 4).

De modo geral, entende-se que o conceito de criança e infância são construções sociais, fruto da modernidade que delegou a escola a função de ocupar o tempo da criança, e, a vida provada desse tempo histórico, imprime a infância significados distintos. As consequências da organização do mundo do trabalho que impôs o trabalho infantil é um fato importante e imprimiram ao universo infantil a dimensão da proteção do Estado a essa fase da vida. Assim sendo, ao analisar a construção do conceito de criança e infância o lugar e a classe social que ela ocupa é determinante para sua apreensão como categoria que adquire significados distintos na história.

3 | A CULTURA INFANTIL E AS MUDANÇAS SOCIAIS QUE INFLUENCIAM A INFÂNCIA NA ATUALIDADE

3.1 A cultura infantil: Primeiras aproximações

Nos dias atuais é possível observar a cultura infantil com um novo olhar, não mais se referindo com aquele que eram visto nas famílias do passado, quando lá não havia a valorização da infância. Hoje há uma superproteção da criança que transforma-se no centro das atenções e impõe suas vontades, condição que caminha em paralelo a sua exposição as mais diferentes formas de exploração. Com a modernidade, com a ocupação exagerada dos adultos nas áreas de trabalho, há uma terceirização nas funções afetivas e obrigações dos pais em relação aos filhos, deixando as crianças aos cuidados da escola, babás, parentes, isso se remete muito as histórias do passado.

As culturas infantis vêm sendo discutidas por vários autores, como falar da cultura

infantil? É possível falar dessa cultura separadamente? Sem contextualizar esse sujeito na história com as relações sociais? Como podemos compreender, falar, concordar, caracterizar esse tema?

Santos (2006) considera que a cultura pode ser nomeada de duas maneiras:

A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo. (SANTOS, 2006, s/p).

A partir dessas colocações é possível compreender como são construídas as relações e concepções de cultura na visão de autores.

A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação” ou então de grupos no interior de uma sociedade (SANTOS, 2006, s/p).

Logo a seguir, Santos (2006) mostra a segunda concepção dessa visão de cultura, dimensionando nosso olhar em outro aspecto.

[...] quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Observem que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças sem pensar na sociedade à qual se referem (SANTOS, 2006, s/p).

A cultura infantil pode ser vista como uma construção coletiva, em que a criança é o sujeito da própria história, protagonista e socialmente integrada à sociedade ela aprende com exemplos vivenciados nos grupos sociais.

[...] a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. (SANTOS, 2006, s/p).

Segundo Barbosa (2007) é interessante o modo de como a criança atua na criação das relações sociais. Desde muito pequenas participam do conhecimento da aprendizagem, pois é ao observar cotidianamente os adultos em suas atividades para criar, inventar e construir sua personalidade. Assim, possibilita a produção de suas próprias ideias e expressões, a “partir de sua interação com outras crianças”, em meio às brincadeiras, jogos ou até mesmo realizando tarefas de sobrevivência.

A criança é criativa e capaz de aprender, interpretar os vários tipos de diversidade ou até mesmo diferentes classes sociais, pois ela vem de várias categorias geracionais.

Numa sociedade globalizada as crianças são alvo do consumo mesmo antes de nascer, é extremamente importante refletir sobre “produção cultural que se faz para as crianças”. Estudos e investimentos em pesquisas são realizados sobre a infância e seus comportamentos, bem como para suprir as necessidades das crianças. Barbosa (2007) ao

parafrapear Kincheloe (1997) e Steinberg (1997), afirma:

Numa sociedade capitalista e globalizada, as crianças, mesmo antes de nascerem, já são consumidoras. Nos últimos anos, tem havido um investimento imenso de verbas tanto para pesquisar a infância e seus comportamentos – para poder fabricar produtos que venham ao encontro dos desejos infantis –, como para produzir novas “necessidades” para as crianças. (BARBOSA, 2007, p.1067).

Concorda-se que as crianças participam ativamente da sociedade. As culturas elaboradas pelas crianças são resultantes da “apropriação criativa” que as mesmas realizam a partir das informações do mundo adulto para formular seus próprios saberes enquanto grupo de iguais.

Para Barbosa (2007) as transformações sociais foram visivelmente radicalizadas nos últimos anos, gerando questionamentos permanentes. Com o passar do tempo, as mulheres assumiram o campo do trabalho com esse espaço adquirido fora de seus lares surge a consequência de deixar as crianças sem o devido amparo familiar, se envolvendo e convivendo com outras pessoas como as babás, professores das creches, gerando assim um amadurecimento precoce.

Assim surge um questionamento, se ela realmente tem um amadurecimento precoce, como a cultura infantil um elemento secundário para a sociedade? Vivendo essa realidade, é visível a introdução de opiniões, conflitos, participações desse protagonismo todo que vem se apresentando na sociedade de hoje. Por meio da exposição midiática, confecções direcionadas, consumo desenfreado das produções de moda para essa nova geração.

Nas sociedades urbanas contemporâneas, as socializações deixam de estar ancoradas apenas na vida familiar, para passarem a ser realizadas por uma rede de socializações plurais (BARBOSA, 2007, p. 1064).

Ainda de acordo com esta autora, é interessante observar que nas novas construções sociais é preciso compreender os novos aspectos de reprodução, transformando as mudanças sociais num novo contexto.

Para compreender a cultura infantil é preciso dar condições de expressão as crianças, deixa-las advir como agentes de sua própria história, torná-las importantes na sua cultura com sua própria identidade. Isso “significa afirmar que elas são competentes, capazes de organizar suas vidas e de participar – com suas diferentes linguagens – nas tomadas de decisões acerca dos temas que lhe dizem respeito” (MALAGUZZI, 2001 apud BARBOSA, 2007, p. 1066) Como afirma Cohn (2001) apud Barbosa (2007) as crianças não sabem menos, elas sabem outras coisas.

É interessante o modo de como elas atuam na criação das relações sociais, desde pequenas, participam do conhecimento da aprendizagem, pois é no observar, conviver cotidianamente com os adultos em suas atividades que é possível a produção das próprias ideias, expressões, a “partir de sua interação com outras crianças” em meio as brincadeiras,

jogos, estudos ou até mesmo realizando tarefas de sobrevivência.

As culturas infantis de hoje não são iguais às culturas infantis de ontem, elas se manifestam e se estruturam num outro tempo e espaço, com outro formato e conteúdo. Se, ao explicitar a diversidade que a compõe, uma sociedade se humaniza, respeita e valoriza a diversidade cultural, isso não pode ser confundido, em nenhuma hipótese, com a manutenção das desigualdades sociais ou com políticas educacionais que abandonem a capacidade de ser e estar junto dos seres humanos. Como pensar uma escolarização de qualidade que respeite as diversidades sem aprofundar, ainda mais, as desigualdades sociais? (BARBOSA,2007, p.1077).

Barbosa (2007) demarca um elemento importante acerca da definição de cultura infantil, ela é uma construção e precisa ser compreendida a partir de cada tempo histórico, justamente porque a organização da vida real é que imprime a ela características específicas e as crianças participam ativamente dessa constituição.

Para Barbosa (2007) nos tempos modernos é extremamente importante refletir sobre produção cultural, nos investimentos que são feitos para as crianças, nas produções que rendem um consumo muito grande para “presentes, festas de aniversário, Natal e Dia das Crianças”. Com isso muitos lucram e é o estabelecimento que fomenta os hábitos e estilos dos consumidores, assim, inocentemente, falando do público infantil.

A cultura massificada da mídia faz parte das culturas socializadoras das crianças e compartilha com as culturas infantis do universo imaginário da infância. São narrativas que se interrelacionam, produzindo novas formações simbólicas (BARBOSA, 2007, p.1068).

Entende-se que é a influência midiática que consegue comportar toda essa demanda e consumo exagerado, pois de certa forma “somos combinações de traços culturais gerais”. Entende-se assim, que na atualidade, a mídia exerce forte influência na cultura infantil moldando padrões de comportamento e principalmente, de consumo.

4 | A EXPOSIÇÃO MIDIÁTICA DAS CRIANÇAS E SUA INFLUENCIA NA CULTURA INFANTIL

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define “a criança como a pessoa até aos 12 anos de idade incompletos” (BRASIL,1990, p. 11). As transformações em seus significados estão ligadas diretamente as classes sociais, econômicas, tempo e lugar. Nos tempos atuais, é notória a diferença e complexa a existência da infância e adolescência.

Portanto, crianças, adolescentes e adultos alteram suas relações intersubjetivas a partir das influências que a mídia e a cultura do consumo exercem sobre todos nós (CAMPOS; SOUZA, 2003, p. 12).

Parafraseando os autores citados, entende-se que as crianças participam do dia a dia dos adultos, ensinam a nova maneira de amar, cuidar, mostrando aos mais experientes como é ocioso o tempo que perdem preocupados com as ocupações profissionais

exageradas.

As crianças têm uma percepção dos adultos, muitas vezes não querendo seguir os mesmos padrões de vida, como são acostumados, querem levar uma vida diferente, com a influência midiática, que recebem tudo pronto, sem nenhum esforço.

Segundo Postman (1999, apud CAMPOS; SOUZA, 2003) considera que as crianças se vestem como adultos. Em grandes centros as brincadeiras de rua se modificaram radicalmente, ou, por sua vez, ficam em casa nos recursos eletrônicos, crimes envolvendo menores, meninas no mundo das passarelas com 12, 13 anos, pais preocupados em inserir seus filhos cada vez mais cedo no mercado de trabalho, cursos de inglês, informática, esportes e outros.

O tempo compartilhado entre pais e filhos é cada vez mais escasso: trabalha-se cada dia mais para o aumento do poder aquisitivo (e consequentemente do consumo), e a mulher tem uma contribuição crescente na fatia produtiva da população, ficando bastante tempo fora de casa. Pais chegam tarde em casa, crianças atarefadas, refeições solitárias ou feitas fora do lar. A família se reúne cada vez menos para conversar sobre o cotidiano... Podemos identificar também como uma característica de nossa sociedade as múltiplas formas de conjugalidade: famílias mono parentais, descasamentos, recasamentos, assim como a crescente incidência de filhos únicos. Portanto, o perfil de família hoje difere do modelo tradicional de família (CAMPOS; SOUZA, 2003, p.13).

Essas mudanças na organização do núcleo familiar e o tempo incorporado pelo trabalho tem causado mudanças na relação dos pais com as crianças e muitas das funções que seriam da família é incorporada pela escola.

Segundo Postman (1999, apud CAMPOS; SOUZA, 2003) a geração atual já nasce com todas as tecnologias, informações, sem censura, a televisão é ligada a maior parte do tempo, as crianças, adolescentes assistem sem nenhuma restrição, elas acabam assumindo um papel significativo na vida familiar e na construção de valores.

A criança e o adolescente de hoje não conheceram o mundo de outra maneira - nasceram imersas no mundo com telefone, fax, computadores, televisão, etc. TVs ligadas a maior parte do tempo, assistidas por qualquer faixa etária, acabam por assumir um papel significativo na construção de valores culturais. A cultura do consumo molda o campo social, construindo, desde muito cedo, a experiência da criança e do adolescente que vai se consolidando em atitudes centradas no consumo. (POSTMAN, 1999, apud CAMPOS; SOUZA, 2003, p.14).

Pela primeira vez na “história humana”, a geração de hoje nasce com a televisão ligada por muitas horas em suas casas. A propaganda é a “principal fonte de financiamento dos conglomerados midiáticos”. Em segundo lugar são as mercadorias de consumo. Em terceiro lugar o “próprio formato, o estilo, a linguagem visual e os recursos das peças publicitárias” (MOREIRA, 2003, p. 1219).

A valorização do consumo exagerado que a sociedade impõe mostra como a família

se fragiliza, atitudes de crianças e adolescentes envolvidas com o consumo desenfreado, tudo querem, tudo podem. Exigindo dos pais ou responsáveis o que consideram como importante, mesmo muitas vezes não podendo dar ao filho o que lhes pedem. Assim,

[...] a televisão destrói a linha divisória entre infância e idade adulta de três maneiras, todas relacionadas a sua acessibilidade indiferenciada: primeiro, porque não requer treinamento para apreender sua forma; segundo porque não faz exigências complexas nem à mente nem ao comportamento, e terceiro porque não segrega seu público. Com a ajuda de outros meios eletrônicos não impressos, a televisão recria as condições de comunicação que existiam nos séculos quatorze e quinze. Biologicamente estamos todos equipados para ver e interpretar imagens e ouvir a linguagem que se torna necessária para contextualizar a maioria dessas imagens. O novo ambiente midiático que está surgindo fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação. Dadas as condições que acabo de descrever, a mídia eletrônica acha impossível reter quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância. (POSTMAN, 1999, apud CAMPOS e SOUZA, 2003, p.14).

É interessante compreender a influência midiática na cultura infantil como algo naturalizado na geração do século XXI. As crianças já nascem com todos esses meios midiáticos influenciadores na cultura infantil, na educação, nas brincadeiras, nos jogos, nas vestimentas, nas relações sociais e familiares, tornando-os cada vez mais adultizados e vítimas do consumo exagerado viciante sem controle de personalidade e formadores de opinião.

É possível observar na sociedade a influência midiática mudando hábitos, crenças de crianças e adolescentes no dia a dia, consumindo produtos oferecidos direto e indiretamente à cultura infantil.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da influência midiática na cultura infantil retomou o conceito de criança e infância como construção social, que se constitui a partir do lugar, do tempo e o contexto social em que ela ocupa. Deste modo, o “sentimento” de criança e infância que demarca a construção desse conceito no século XVIII não é o mesmo do século XXI. Dentre as mudanças históricas desse início de século, a mídia é um artefato que imprime características próprias ao universo infantil.

As transformações ocorridas são consequências desse processo e mostram que a cultura infantil sofreu influências na sua formação cognitiva, emocional e cultural. Todos os meios midiáticos são influenciadores no processo cognitivo da criança, tornando-a capaz de ser sujeito produtivo na construção cultural, fazendo parte na sociedade.

Começa desde a primeira infância, o envolvimento da criança na sociedade, que é notório o crescimento juntamente com os adultos, na forma de como são conduzidos, respeitados na sua fragilidade e inocência de criança.

As crianças, na maioria das vezes, são usuários passivos da mídia, como os pais ou

responsáveis são envolvidos nas propagandas, modas e estilo, desse modo, naturalmente os pequenos seguem os mesmos padrões dos adultos, sem opinar, participar e são conduzidos à exposição das influências midiáticas.

Com a terceirização dos trabalhos a cultura infantil também foi mudando seu comportamento, naturalmente, mais exposta às mídias, sob reponsabilidades de terceiros, tornando assim um público mais fragilizado e propenso a exposições sem censura no mundo infantil.

As brincadeiras também foram sendo substituídas, deixando lugar aos jogos no mundo virtual, tornando-os envolventes e assim, consecutivamente, tornando as crianças no meio familiar mais frias, solitárias, sem amigos, sem bola, sem pula corda ao ar livre, onde historicamente a natureza era palco da cultura infantil.

Conclui-se que com a modernidade, o ritmo acelerado dos trabalhos e ocupaçõesse esqueceu de propiciar maior atenção as crianças. É esquecido o colo, dando lugar e importância as pessoas terceirizadas, que nos meados do século XX, começou a ser valorizado e era presente nas famílias.

A cultura infantil está sendo cada vez mais influenciada pelos meios midiáticos, sendo alvo do consumo de produtos que vem desenfreadamente produzidos para o público infantil, Sem esquecer que as crianças fazem parte da sociedade e tendo participação efetiva na produção da cultura. Analisando todos os aspectos de envolvimento e influência que a criança tem no mundo atual, entende-se que realmente a cultura infantil é transformada com o contexto onde é inserida, desde a sua historicidade, fazendo parte da sociedade, tendo como exemplo suas raízes familiares, tornando um sujeito participativo e produtivo no dia a dia.

Portanto, a mídia é cada vez mais influenciadora e dominadora da cultura infantil pelo fato de conseguir a atenção por completo do ser inocente que é a criança. De certa forma, a nova geração já nasce com todas as tecnologias ao seu redor, incorporando como parte de sua vida, muitas vezes vicia de um jeito que é difícil se desfazer, deixar de lado ou fazer de conta que não existe. São elementos que imprimem características próprias de seu tempo à cultura infantil.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro, LTC, 2014.

BARBOSA, Maria C. S. **Culturas Escolares, Culturas de Infância e Culturas Familiares: As Socializações e a Escolarização no Entretecer Destas Culturas**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2028100.pdf>>. Acessado em: 06/11/2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acessado em: 06/11/2018.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13/7/90. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/L8069.htm>. Acessado em: 29/10/2018.

CAMPOS, Cristina C.G; SOUZA, Solange, J. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. **Psicologia: Ciência e profissão**, 2003. vol.23, nº.1, p.12-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414>. Acessado em: 26/10/18.

CASTRO, Michele G. B. de. **Noção de Criança e Infância**: diálogo, reflexões e interlocuções. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf>. Acessado em: 10/08/2018.

KLEIN, Lúcia R. Cadê a Criança do Áries que Estava Aqui? A Fábrica Comeu. In: **IX Seminário Nacional de Estudos e pesquisas**: História, Sociedade e Educação no Brasil. Universidade Federal da Paraíba, 2012, João Pessoa. Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminário/seminario9/PDFs/4.26.pdf>. Acessado em: 15/11/18.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a06v2485.pdf>>. Acessado em: 22/11/18.

NOSELLA, Paolo. A Linha vermelha do planeta infância: o socialismo e a educação da Criança. In: FREITAS, Marcos C. de F; KUHLMANN JR, Moisés (Org.). **Os Intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Maria de L. B. Infância como Categoria: reflexões metodológicas. **Revista Educação em Questão**, volume 6, nº 2, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/12243>>. Acessado em: 10/03/18.

SANTOS, José L. dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em: <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/04/Cole%C3%A7%C3%A3o-Primeiros-Passos-O-Que-%C3%A9-Cultura.pdf>. Acessado em: 25/11/18

SARMENTO, Manuel J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade** [online]. 2005, vol.26, n.91, pp.361-378. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>>. Acessado em: 18/10/2018.

A

Acessibilidade 41, 42, 43, 44, 61, 112, 113, 114

Adultos 9, 18, 27, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 40, 49, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 96, 104

Alfabetização 66, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 119, 120, 123, 124, 125

Ambiental 138, 139, 140, 142, 144, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 195

Ambiente 8, 20, 24, 25, 26, 32, 33, 43, 46, 48, 61, 77, 85, 90, 101, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 121, 122, 131, 135, 139, 140, 144, 145, 148, 149, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 179, 182, 186

Análise 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 33, 35, 44, 46, 47, 54, 61, 70, 77, 90, 92, 99, 103, 111, 119, 134, 138, 143, 156, 157, 170, 173, 176, 178, 183, 186, 189, 194

Aprendizagem 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 57, 58, 73, 86, 87, 93, 102, 104, 108, 110, 114, 116, 117, 118, 123, 124, 125, 165, 170, 171, 172, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 189, 192, 195

Arte 51, 67, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 135, 153

Atividades 24, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 57, 58, 65, 68, 69, 70, 72, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 100, 101, 102, 107, 115, 141, 143, 146, 147, 149, 179, 181, 182

Aula 22, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 44, 45, 47, 72, 82, 83, 84, 88, 102, 109, 114, 115, 124, 159, 161, 164, 165, 166, 168, 172, 174, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188

Avaliação 36, 44, 45, 85, 96, 97, 115, 183, 186, 191

B

Brasil 1, 19, 21, 23, 26, 32, 39, 44, 48, 54, 55, 59, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 74, 75, 76, 81, 82, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 101, 110, 111, 115, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 130, 140, 142, 157, 161, 164, 166, 168, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

C

Ciência 39, 52, 63, 65, 81, 83, 92, 97, 98, 99, 122, 131, 135, 145, 146, 148, 156, 157, 158, 163

Covid-19 45, 126, 127, 130, 134, 135

Crianças 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 73, 90, 92, 115, 119, 120, 122, 123, 149, 164, 165, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Cultura 6, 15, 19, 26, 30, 39, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 88, 89, 120, 128, 131, 133, 134, 141, 147, 154, 164, 178, 192

D

Desenvolvimento 20, 22, 30, 31, 32, 34, 44, 45, 53, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 79, 81, 83, 90, 97, 101, 102, 108, 113, 114, 120, 123, 135, 143, 147, 148, 150, 153, 154, 155, 157, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 186, 190, 195

Docente 28, 29, 74, 99, 100, 104, 106, 109, 114, 117, 118, 181, 182, 186, 188, 193

E

Educação 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 39, 40, 43, 44, 48, 49, 52, 54, 55, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 124, 126, 127, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 139, 142, 147, 148, 149, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 178, 180, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Educação básica 49, 82, 88, 120, 164, 168, 178

Educação física 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 112, 114, 178

Ensino 20, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 48, 49, 55, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 122, 124, 125, 156, 157, 158, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 192, 193, 195

Escola 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 32, 34, 35, 39, 51, 52, 56, 60, 68, 73, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 94, 98, 112, 114, 120, 124, 125, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 164, 168, 171, 172, 173, 175, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

Estudantes 22, 23, 31, 33, 42, 67, 69, 75, 96, 113, 151, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 190, 191

F

Federal 15, 16, 27, 39, 41, 42, 44, 48, 49, 54, 63, 64, 65, 68, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 111, 113, 136, 176, 193, 195

Formação 18, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 39, 42, 43, 48, 61, 65, 66, 67, 70, 80, 81, 90, 93, 94, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 121, 157, 158, 163, 164, 167, 168, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 188, 193

G

Gestão 19, 20, 23, 67, 98, 112, 113, 152, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186

I

Inclusão 28, 33, 35, 41, 42, 43, 48, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 174

Infantil 3, 4, 14, 15, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 67, 106, 115, 120, 121, 124, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 193, 195

L

Leitura 30, 32, 36, 38, 44, 51, 73, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 134, 143, 170, 171, 172, 173, 174

Liberdade 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 54, 107, 118, 128, 130, 133, 135, 147, 152, 187, 189

M

Metodologia 30, 35, 40, 42, 46, 54, 70, 74, 88, 98, 99, 102, 108, 109, 111, 158, 186

N

Necessidade 19, 31, 34, 38, 55, 65, 81, 115, 127, 134, 135, 139, 144, 148, 157, 161, 163, 166, 167, 175, 180, 181, 182

O

Oralidade 28, 30, 37, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

P

Pedagogia 27, 31, 41, 158, 178, 187, 189, 194, 195

Período 11, 12, 31, 45, 46, 52, 53, 54, 56, 64, 70, 71, 80, 81, 90, 94, 119, 126, 129, 130, 134, 150, 151, 180

Possibilidade 20, 38, 68, 81, 118, 123, 139, 171, 174, 186, 190, 192

Práticas 19, 20, 22, 37, 39, 41, 42, 44, 46, 52, 64, 69, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 109, 110, 113, 115, 120, 124, 131, 138, 141, 147, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 172, 174, 179, 183, 186, 187, 191, 195

Prisão 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26

Problemas 4, 10, 14, 30, 31, 34, 35, 38, 65, 66, 67, 72, 110, 129, 130, 141, 148, 153, 156, 157, 160, 161, 163, 166, 167, 169, 181

Professores 22, 31, 32, 39, 58, 81, 84, 85, 88, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 180, 181, 182, 184, 185, 186

Q

Química 80, 96, 99, 100, 102, 103, 106, 108, 110, 111, 150

S

Sociedade 19, 20, 22, 25, 26, 30, 49, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 72, 73, 75, 79, 81, 82, 94, 96, 97, 101, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 124, 128, 129, 130, 133, 134, 136, 139, 140, 141, 147, 154, 157, 161, 163, 165, 168, 176, 189, 193

T

Tecnologias 28, 29, 30, 31, 32, 37, 39, 60, 62, 111, 144, 145

Trabalho 21, 24, 25, 28, 30, 32, 34, 37, 41, 42, 43, 44, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 99, 100, 102, 104, 110, 114, 117, 118, 123, 135, 136, 141, 143, 146, 147, 148, 149, 162, 164, 170, 171, 172, 174, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 194

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Políticas educacionais e
o saber e o fazer educativos